

Ivan

Nakamura

「 prosa/ficção 」

Em zonas inferiores

Às vezes tento lembrar aquela época. As imagens mais nítidas são das noites de terças e quintas, quando costumava ir ao Centro para trabalhar como voluntário. As quintas eram de longe as noites mais cheias da semana, quando Dona Dagmar conduzia as palestras noturnas. O Centro ficava entre duas ruelas estreitas do bairro da Penha. Era um dos maiores da cidade e, diferentemente de outros lugares, lá os passes eram dados logo na chegada. Quem vinha da rua entrava em um salão comprido e estreito, que mais parecia um corredor com cadeiras. Pelo microfone informavam que os procedimentos seriam conduzidos diretamente pelos espíritos, sem o intermédio dos encarnados. O processo não levava dez minutos. Logo as portas se abriam e o público tomava rumos distintos. O espaço parecia um hospital de cidade pequena. Os corredores, de paredes amarelas desbotadas, se tornavam estreitos com o fluxo intenso de pessoas.

Às 21 horas, esvaziavam-se subitamente. Era o momento de Dona Dagmar subir ao palco do salão principal, que ficava em um segundo prédio, do outro lado da rua. Um galpão amplo, formado na combinação de imóveis menores, cujas paredes divisórias tinham sido demolidas. Muita gente cruzava a cidade para ver a palestra de pouco menos de meia hora. Com quase 90 anos, Dona Dagmar tinha eloquência de pregadora, mas também sabia ser mundana. Conhecía bem seu público. Falava para os frequentadores assíduos, mas dedicava atenção especial aos recém-chegados. Sabia que, dentre seus seguidores, havia também

muitos incrédulos no salão. E para eles dirigia os comentários mais engenhosos. Contava, em tom de desabafo, que ela própria já fora a maior de todas as descrentes, que da primeira vez que presenciou uma reunião daquelas quis logo ir embora: “Mas eu sou inteligente. O que estou fazendo aqui?” Eram coisas como aquela que faziam muitos voltarem para uma segunda visita.

Os melhores lugares do salão sempre ficavam vazios, reservados aos voluntários. Eu preferia assistir à palestra da porta. Era longe, mas tinha uma vista boa para o palco. Foi em uma dessas noites que vi aquele rapaz pela primeira vez. Depois soube que ele já vinha frequentando o Centro há dias, mas nunca ficava para as atividades. Não era alto nem baixo, mas tinha algum porte. A camiseta era uma imitação de marca, bem cavada na gola. Era para ser justa, porém estava folgada nos braços e peitoral. O rosto era vagamente bonito. Estava envelhecido. Se pudesse lembrar o cheiro, diria que estava sem banho há dias. Naquela noite, ele hesitava em se aproximar do salão. Mas ao se sentir observado, ficou inquieto. Saiu de repente e ganhou a rua. Andou de um jeito patético. Com alguma dificuldade estranha nas pernas.

Na outra semana, o rapaz estava lá novamente, parado junto à porta, observando o movimento com a mesma agitação de antes. Fui falar com ele. Perguntei se não gostaria de assistir à palestra mais de perto. Ele não respondeu e mal olhou para mim. Apenas arregalou os olhos e mostrou o cristalino tremulante. Era pavor ou efeito de alguma droga. Logo vim a saber que eram os dois. Seu corpo parecia não ter apoio. Falta-lhe algo vital, como se lhe tivessem arrancado algo das entranhas.

Depois disso, foram necessárias mais algumas abordagens até ele aceitar dizer seu nome: Emerson. Primeiro o convencemos a tomar um passe e assistir às palestras de iniciação. Mas havia urgência na situação. Uma questão que seria mais bem enfrentada pelo que chamávamos de esferas mais elevadas. Consegui levar o caso dele para ser estudado pelo Conselho Superior de Médiuns, oportunidade difícil de viabilizar em tão pouco tempo. Ele ficou assustado com a ideia de falar para tanta gente. Por isso me convidaram para assistir à audiência, algo também excepcional, pois apenas os mais experientes eram permitidos naquelas sabatinas.

Depois de adiar muitas vezes, o rapaz finalmente compareceu no dia marcado. O Conselho era formado por gente com vasta experiência em

trabalhos mediúnicos. Alguns contavam ter servido ao lado dos maiores nomes da espiritualidade, tanto nesta como em outras vidas.

Depois de cinco minutos de silêncio, Emerson iniciou seu relato com uma voz muito baixa, sem levantar os olhos. Disse, com aparente desassossego, que tinha 32 anos e que desde os 25 ganhava a vida fazendo michê.

“Vendendo o corpo”, traduziu uma conselheira aos mais velhos.

Foi o jeito que ele achou de ganhar a vida. No entanto, sabia desde sempre não ser aquela sua vocação. Faltava-lhe “descaramento”. No meio da prostituição masculina, se saíam melhor aqueles que se comportavam com agressividade e sordidez, que cultivavam um desprezo sádico pelo desejo alheio. Emerson, tímido e benevolente por natureza, era frequentemente visto como uma presa, o que parecia reduzir sua potencial clientela.

O fato é que precisava trabalhar para pagar o aluguel, a faculdade, o plano de saúde da avó, mas sofria para fazer de seu serviço algo estável e seguro. E penava para arrecadar 200 reais por semana. Por vezes, ficava quase um mês sem clientes.

Foi quando um amigo ofereceu uma aparente solução. Contou que desde o ano anterior estava no ramo de vídeos amadores. Gravava encontros com clientes e divulgava na internet. Ele mesmo tinha uma página com um grande número de acessos e conseguia levantar dinheiro com a publicidade de terceiros. Em poucos meses seria possível ganhar 20 mil fazendo apenas um programa por semana.

Emerson ficou interessado, mas teve dúvidas sobre seu fôlego para a empreitada. Não entendia nada de tecnologia e não se considerava fotogênico. O amigo o tranquilizou, dizendo que nesses vídeos quase nada se podia ver. A baixa qualidade da imagem era apreciada pelo público, pois conferia ao material aparência de improviso e verdade. Para compensar a visualidade precária, era crucial falar durante o sexo e conduzir verbalmente os espectadores.

Nas suas primeiras tentativas de filmagem, Emerson se envergonhou das imoralidades que se viu obrigado a falar. Era covarde na hora de bater e xingar, componente fundamental nesses vídeos, como logo percebeu ao assistir a alguns. Isso quando a coisa não degenerava para a escatologia. Mijo, fezes; muitas vezes, sangue; era o caminho natural. Procurava-se extrair o máximo dos corpos. Era o que o público queria.

Emerson logo julgou que aquilo não era para ele. Acreditava que nunca seria capaz de atuar no nível que se esperava. Mas seu amigo insistiu. Disse que nem todos que faziam aquilo precisavam agir como ganhões indomáveis. Havia outras formas de se inserir no ramo de vídeos amadores.

O amigo propôs que filmassem deficientes. Era um fetiche em ascensão. Os poucos vídeos dessa modalidade que estavam no ar tinham muitas visualizações. Emerson assistiu a alguns deles, e se surpreendeu com sua reação. Não ficou chocado, mas, de certo modo, satisfeito. Era estranho, sem dúvida, mas aquilo emanava uma pureza que o atraía. Uma falta de malícia. Ele então habilitou seu aplicativo de encontros para receber propostas de clientes com perfil semelhante.

Lembra-se de ter marcado o primeiro encontro em um pequeno hotel na Vila Clementino. Sabia que era um bairro hospitalar, mas não associou o fato ao que iria fazer. Quando subiu ao quarto, se assustou ao ser recebido por um senhor de quase 70 anos. Era o pai do cliente. Foi ele quem marcou o encontro. Emerson procurou não imaginar a situação em que se deu aquele acordo entre pai e filho. Antes de conhecer o cliente, Emerson manifestou o desejo de filmar a relação. O velho, talvez por não ter entendido, não se opôs, e o levou para conhecer o garoto. Ele tinha paralisia congênita e má formação nos membros. Seu rosto era delicado. Cabelos lisos, cortados de maneira um tanto infantil. Olhos atentos. Emerson estava absolutamente decidido a consumir o ato, mas se viu tomado por uma angústia repentina. Apiedou-se do rapaz e por isso não podia continuar. Não queria fazer aquilo. O garoto, obviamente, ficou decepcionado. Emerson tentou consolá-lo. Beijou-lhe o rosto e disse que gostaria de reencontrá-lo, um dia, em outra ocasião. O pai quis pagar, mas Emerson não aceitou receber. Ao sair do hotel, sentiu-se mal e sem forças para voltar para casa.

O conselho de médiuns ouviu tudo com certa indignação esperada. Um deles disse, com comedimento calculado, que Emerson era um espírito em evolução, e que cometeu erros por ignorância, mas que seu espírito, como todos os outros, tinha uma eternidade para aprender e abandonar hábitos reprováveis. Emerson, com súbita indignação na voz, perguntou onde exatamente se queria chegar com tal observação. O médium se fez mais claro, dando a entender que o rapaz estava, compreensivelmente, assombrado com aquela situação. Ao que Emerson respon-

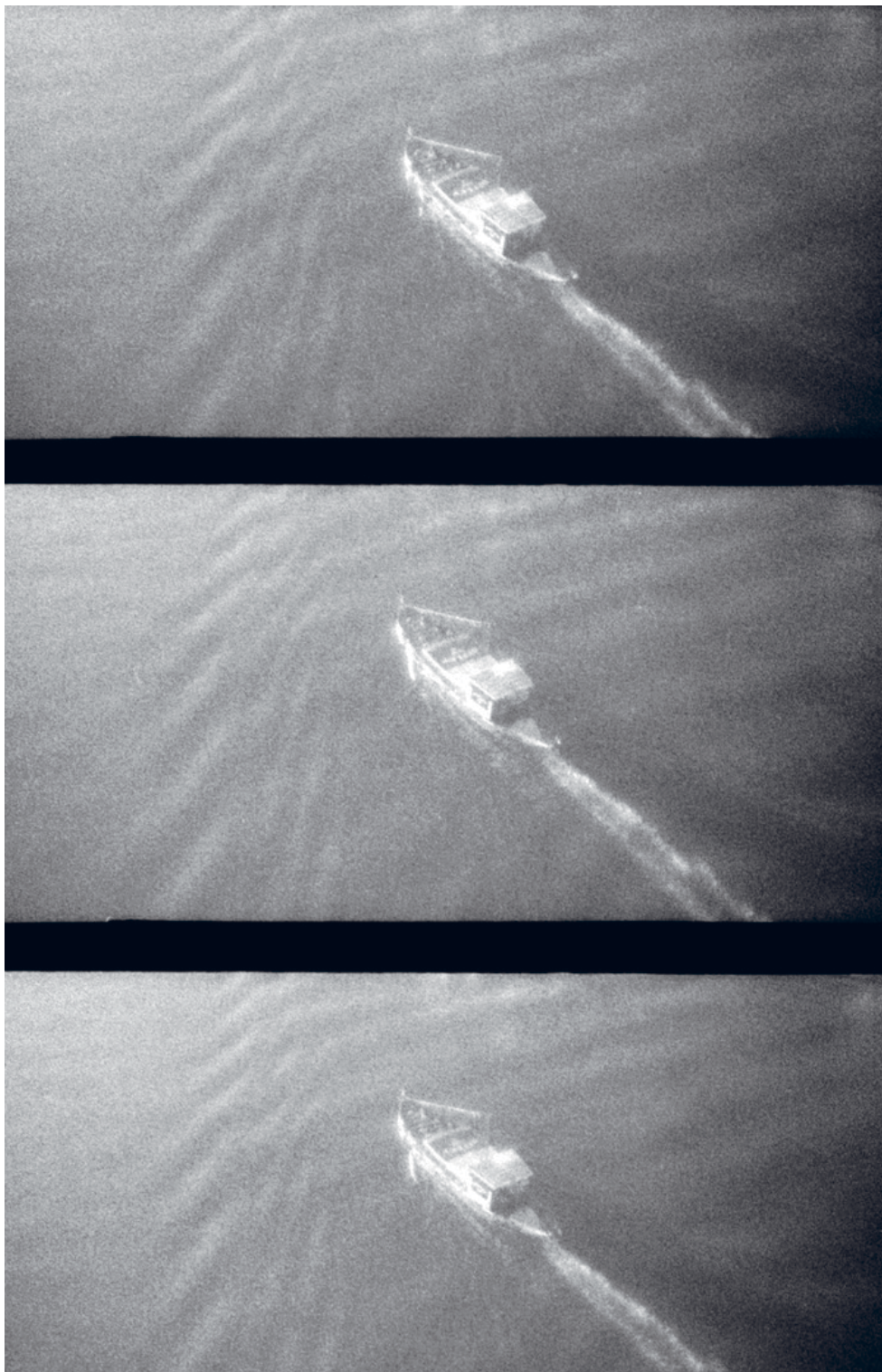
deu com impaciência: “Mas o que eu acabei de contar não é o motivo de eu estar aqui. Foi o que aconteceu naquela noite, depois”.

Antes de continuar, Emerson pediu uma pausa. Indo ao banheiro, quase tombou para o lado. Corri para acudi-lo e o acompanhei ao sanitário. Ele gemia ao urinar, tinha dores na região genital. Disse estar assim há um tempo, que já tinha ido ao médico e não descobriram o que era. Quis insistir na ideia de procurar outro profissional. Não adiantou. Ele estava determinado a terminar o que começou.

O relato foi retomado com Emerson recordando que, depois de deixar o hotel, circulou pelas redondezas à procura de um ponto de ônibus. Não sabe ao certo o que o fez entrar em um bar. Sentou-se a uma mesa, sozinho, e pediu uma cerveja. Não conseguiu parar na primeira garrafa. Engolia tudo rapidamente, na tentativa de amortecer o raciocínio. Passou um tempo entregue às luzes da televisão sem som. Quase dormiu. Seus olhos chegaram a fechar e por isso não soube dizer de onde apareceu o homem que se sentou à mesa. Emerson não estranhou. Seus olhos perdidos talvez estivessem flertando sem perceber.

O sujeito tinha cerca de 40 anos. Seu rosto era harmônico e ele cheirava bem. Acha que se chamava Miguel, ou alguma variação desse nome. Tinha uma conversa direta, mas por mais que tentasse, não conseguia esconder uma perturbação no olhar. Vez ou outra ele se impacientava e se juntava a um grupo de fumantes na calçada. Depois, retornava à mesa para continuar a conversa. Miguel não fazia questão de ouvir respostas. Estava mais preocupado consigo mesmo. E falava de sua vida, como se aquilo fosse de interesse de alguém.

Aos conselheiros, o rapaz se esforçou para recordar o que o estranho lhe dizia. Miguel, com uma pressão súbita na voz, revelou que era portador de uma doença grave e que tinha sido desenganado pelos médicos. Não contou mais detalhes sobre a natureza da enfermidade e tampouco ficou para ver a reação diante dessa confissão. Levantou e se acercou dos fumantes mais uma vez. Emerson então reparou nos homens que fumavam do lado de fora. A disparidade de suas vestimentas e fisionomias dificultava a percepção de que formavam um grupo. Alguns carregavam mochilas pesadas. Um deles, mais velho, tinha um estojo de violão pendurado no ombro. Miguel parecia conhecê-los. Falavam baixo entre si, com uma gravidade estranha.



Emerson quis ir embora, mas recuou ao dar com olhos nas garrafas enfileiradas sobre a mesa. Calculou que não teria como pagar aquilo tudo. Foi obrigado a esperar Miguel retornar. Com ar sério, ele aproximou sua cadeira de Emerson e o segurou nos ombros, forçando um beijo. Emerson consentiu, com certa prostração.

A embriaguez deixou a sequência dos fatos imprecisa. É provável que o bar tenha encerrado o serviço e que sua conta tenha sido quitada por Miguel. Logo se viu caminhando no meio da rua ao lado do desconhecido. Deixou-se levar. Aninhou-se ao homem, mais para estabilizar seu corpo. Não tinha noção de por quanto tempo andaram, nem por onde. Julgou que estivesse próximo de amanhecer, mas o céu continuava escuro. Chegaram a uma área arborizada, uma praça que se formava no desnível entre duas ruas residenciais. O mato tomava conta de tudo. Em alguns pontos se viam montes de velas derretidas e flores mortas. Um mal pressentimento quis se instalar na consciência debilitada de Emerson, embora não tivesse energia de questionar nada. Miguel se sentou em um banco e o instou a tirar a roupa. Emerson obedeceu, mas sentia que estava se entregando aos poucos, vencido por um cansaço incomum. Deitou-se no chão, como se para demonstrar indisposição em continuar. Miguel fingiu não entender o sinal, tirou de algum lugar uma garrafa d'água e ofereceu um comprimido, que Emerson aceitou sem pensar.

O rapaz disse não ter registrado tudo o que aconteceu depois. Mas, em dado momento, recuperou parte da sobriedade e se achou deitado no meio do mato, sentindo um peso sobre seu corpo. Viu que Miguel estava nu, sentado sobre sua cintura, se movimentando para cima e para baixo com respiração ofegante. Emerson custou a entender o que estava acontecendo. No estado em que se encontrava, mal conseguiria se manter sobre os dois pés, quanto mais penetrar alguém. Pensou que o comprimido que tomou talvez explicasse aquela sua condição. Miguel fazia todo o trabalho, enquanto Emerson permanecia imóvel, sustentando apenas a ereção quase mecânica. Ele então desviou o olhar do rosto de Miguel, como se quisesse ter o mínimo de envolvimento na situação.

Foi quando se deu conta de que os dois estavam rodeados de um grupo de pessoas. Reconheceu os homens do bar e concluiu com horror que ele e Miguel estavam sendo observados todo aquele tempo. Quis erguer o tronco e sair dali. Os homens saíram das sombras onde

se escondiam e não tiveram dificuldades em contê-lo. Emerson se debateu enquanto tentava extrair algum entendimento daquilo tudo. O grupo olhava o ato com interesse. Tinham uma seriedade indecifrável e medonha. Emerson percebeu que ao redor deles havia um círculo de velas acesas. A luminosidade lhe permitiu enxergar de relance o estojo de violão sendo aberto. O que saiu de dentro não era um instrumento de cordas, mas, sim, um objeto comprido e metálico que reluziu ao ser entregue ao sujeito mais velho.

Imobilizado, Emerson sentiu Miguel acelerar seus movimentos. Um arrepio entorpecente começou a crescer em seu corpo, acompanhado de um rosnado gutural, pressagiando o clímax. Foi um sinal para o velho se aproximar, empunhando a espada. Ao sentir os movimentos do parceiro, Miguel jogou sua cabeça para trás. Emerson ejaculou. Foi quando, de repente, o velho, falando algo em uma língua que não a nossa, brandiu a espada em um movimento firme e rápido contra o pescoço de Miguel. Emerson não viu mais nada. Seus olhos foram cobertos por um líquido quente e escuro.

Acha que depois disso desmaiou. Quando abriu os olhos novamente, já estava claro. Não havia mais ninguém ali. Por alguns segundos, quis se confortar com a ideia de que teve um pesadelo. Mas a umidade vermelha sobre a terra não deixava dúvidas. Seu corpo tinha sido limpo, mas ainda havia sinais de sangue coagulado em seu cabelo. Teve forças para se levantar, encontrou sobre o banco suas roupas dobradas e sua carteira com notas que não estavam lá antes.

Os membros do conselho se calaram.

Emerson, torturado pelo longo silêncio, voltou a falar. Relatou as dores em seu órgão sexual que se desenvolveram depois do ocorrido. Mas o que mais o assombrava era a ideia fixa de que, além de tudo, aqueles homens usaram câmeras para registrar o que acontecera. Estava paranoico, correndo dos olhares das pessoas, supondo ser reconhecido.

Depois de conversarem entre si, os conselheiros pediram que o rapaz esperasse do lado de fora da sala. Eu o acompanhei até o corredor. Tentei conversar e quis, por algum motivo, convencê-lo a ir embora e não ouvir o que as pessoas reunidas lá dentro teriam para dizer. Ele me ignorou e, quando chamado, retornou para o interior da sala. Dessa vez, não permitiram minha entrada.

Não vi mais Emerson. Soube, tempos depois, que o diagnóstico dado pelos médiuns era de que Emerson havia sido vítima de um poderoso trabalho espiritual. Que o tal Miguel, ao expirar durante o ato sexual, tinha transportado sua alma, alojando-se nas partes íntimas do rapaz. Essa era a razão das dores que sentia. Seria necessário submetê-lo a um intenso trabalho de desobsessão. Mas o procedimento deveria ser feito no Centro de Dona Iolanda, irmã de Dona Dagmar, especializado em entidades de esquerda. O tratamento parece não ter surtido efeito, pois surgiram boatos de que Emerson precisou ser socorrido devido a uma tentativa de se emascular.

Por motivos que não vale a pena comentar, acabei me afastando do trabalho do Centro. Passei a ir com menos frequência e me envolver pouco nas atividades. Hoje em dia, quando me perguntam sobre minha fé, respondo que ela permanece viva dentro de mim. Acredito que existe, sim, um mundo além deste que podemos ver, um mundo espiritual, digamos. Minhas dúvidas são em relação à primazia desse outro mundo sobre o nosso, uma vez que, para mim, é no mundo dos vivos que se permite que tudo aconteça. ■

Ivan Nakamura

Aluno da pós-graduação Formação de Escritores — Ficção, do Instituto Vera Cruz. Graduado em Audiovisual pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com especialização em roteiros para cinema e TV. Cursa a graduação em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.